

O Papel do professor no sucesso da alfabetização de crianças com dislexia

The role of the teacher in the literacy success of children with dyslexia

Alexandre da Silva de Melo ¹
SEDUC Araguaia – TO

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade analisar o cenário da educação inclusiva nas escolas brasileiras, mais especificamente a realidade dos alunos disléxicos. Entendendo, o que o pedagogo enquanto mediador dos conhecimentos, pode fazer para favorecer o aprendizado desse aluno, até então negligenciado pela sociedade. O projeto será desenvolvido através de pesquisas bibliográficas e documentais, tendo como enfoque principal as dificuldades de aprendizagem do desleixo e buscando compreender um pouco mais sobre o tema proposto, possibilitando contribuir com acadêmicos e profissionais que atuam na área da educação que lidam direta ou indiretamente com o problema abordado. Sendo que estas ferramentas também permitiram analisar transtornos e buscar melhorias, ficando ainda mais evidente que o professor tem papel de fundamental importância no êxito do educando, visto que este não será alfabetizado pelo método tradicional, pois a criança disléxica não consegue internalizar o todo, necessita de um trabalho diferenciado para sua individualidade, ou seja, para a escola cumpra com a sua responsabilidade junto às crianças disléxicas, é necessário a implantação e implementação de políticas públicas direcionadas para a efetivação de uma escola que se configure inclusiva e que possibilite formação específica para os professores e a garantia de utilização de recursos didáticos e pedagógicos importantes para o desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Dislexia, Dificuldade de Aprendizagem, Educação Inclusiva

ABSTRACT

This paper aims to analyze the scenario of inclusive education in Brazilian schools, more specifically the reality of dyslexic students. Understanding, what the pedagogue as a mediator of knowledge, can do to favor the learning of this student, until then neglected by society. Being that these tools also allowed to analyze disorders and seek improvements, becoming even more evident that the teacher has a role of fundamental importance in the success of the student, since this will not be literate by the traditional method, because the dyslexic child can not internalize the whole, needs a differentiated work for its individuality, that is, for the school to fulfill its responsibility with the dyslexia children. Because the dyslexic child cannot internalize the whole, needs a differentiated work for its individuality, that is, for the school to fulfill its responsibility with the dyslexia children, it is necessary to implement and implement public policies directed to the effectiveness of a school that is inclusive and that allows specific training for teachers and the guarantee of use of didactic and pedagogical resources

Keywords: Dyslexia, Learning Disability, Inclusive Education

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Letras: Ensino de Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT-2021). Graduado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor da Rede Estadual de Ensino no Colégio Militar Jorge Humberto Camargo- Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) Araguaia – TO.

INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta habilidades básicas de leitura e linguagem. Ela tem suas raízes em diferenças nos sistemas cerebrais responsáveis pelo processamento fonológico que resultam em dificuldade para processar os sons das palavras e associá-los com as letras ou sequências de letras que os representam. Outros fatores que podem vir associados são déficits nas funções executivas, dificuldades no processamento auditivo e/ou visual e desenvolvimento psicomotor. Sendo considerada um transtorno específico de aprendizagem, porque seus sintomas geralmente afetam o desempenho acadêmico de estudantes sem que haja outra alteração (neurológica, sensorial ou motora) que justifique as dificuldades observadas.

A escolha da temática fundamenta-se na percepção de que é muito pouco disseminado o estudo da dislexia na formação dos professores de um modo geral. Essa falta de informação compromete o processo de ensino-aprendizagem, o professor e o aluno se sentem desestimulados e muitas vezes ocasiona o fracasso e evasão escolar. É de grande importância o sucesso neste processo de aquisição do conhecimento, comumente chamado de aprendizagem, principalmente para crianças portadoras de algum distúrbio e/ou transtornos, pois estas devem ter as oportunidades iguais de desenvolvimento além de físico também cognitivo.

A escola é um dos principais ambientes de desenvolvimento cognitivo e, dessa forma, torna-se responsável por criar estratégias para a aprendizagem e adaptação da criança que apresenta dislexia. A tríade entre coordenação, professores e aluno precisa funcionar corretamente, buscando atender as necessidades do indivíduo.

Este artigo tem o propósito principal de reunir dados e contribuições que estão relacionadas com os transtornos enfrentados pelas crianças com diagnóstico de dislexia, dificuldades na escrita e na leitura que apresentam durante desenvolvimento individual e pedagógico principalmente durante o processo de alfabetização.

Tem como proposta também, estudar conceitos, definições, principais sintomas, características, identificar segmentos físicos e intelectuais, como é o relacionamento com a família e educadores, tentar identificar possíveis ações e estratégias de professores e seu papel de educador e facilitador do processo de aprendizagem e os possíveis meios de se trabalhar pedagogicamente com uma criança portadora de dislexia.

Portanto, para que haja um trabalho pedagógico que se aproxime ao máximo da necessidade do aluno disléxico, é importante que o educador tenha os conhecimentos essenciais para os diagnósticos, para que os diferentes tipos de transtornos de aprendizagem possam ser trabalhados estrategicamente e que a construção do conhecimento também seja motivada precocemente, subsidiando progressos efusivos do educando e na relação de seus familiares.

O CONCEITO DE DISLEXIA

A dislexia é considerada um Transtorno Específico da Aprendizagem (TEA). Tem origem neurobiológica e afeta diretamente a leitura e a escrita. Esse transtorno manifesta-se na fase inicial da vida das pessoas, ou seja, muito cedo. Sabe-se que “os transtornos se originam de anormalidades no processo cognitivo, que derivam em grande parte de algum tipo de disfunção biológica”, (CID – 10,1992:236 apud WR Educacional). Com base em Alves, Ferreira e Ferreira (2014), às pessoas com Dislexia costumam ter dificuldades quando associam o som à letra, e costumam também trocar letras, ou mesmo escrevê-las em ordem contrária.

É importante pontuar alguns conceitos sobre o que vem a ser dislexia. No âmbito escolar, crianças disléxicas são rotuladas pela desatenção; intitulado até mesmo como “preguiçosos”, “palermas” e outros adjetivos que diminuem o valor destas crianças. A dislexia vem sendo descrita na literatura como uma dificuldade no processo de aprendizagem da leitura e da escrita (Blasi, 2006). Caracteriza-se por uma leitura e escrita marcadas por trocas, omissões, junções e aglutinações de grafemas.

Moura (2013, p. 13), explica que detectar o distúrbio da dislexia não é fácil, pois alguns sinais e sintomas são detectados tardiamente, apenas quando a escrita e a leitura são apresentadas à criança. “Como o distúrbio é comprovadamente genético, os especialistas afirmam que as crianças podem ser avaliadas a partir dos cinco anos de idade [...]”, Moura acredita que os disléxicos recebem informações em área diferente do cérebro, resultando em falhas nas conexões cerebrais, no entanto o cérebro do disléxico é normal.

Para Figueira (2012, p.16) a dislexia não é somente a dificuldade com as palavras, mas uma disfunção linguística. Não implica simplesmente dificuldade em aprender as letras, mas também em identificar e organizar símbolos. Adverte para um cuidado em não achar que se trata apenas de desmotivação, falta de esforço, vontade ou interesse, e, não possui relação com deficiência sensorial. Os disléxicos precisam de tratamento diferenciado no âmbito escolar, pois suas mentes por vezes superam os ditos “normais”, só que trabalham de forma diferente.

Portanto, devemos salientar que a dislexia não se associa à inteligência ou a capacidade de pensar, assim como não indica falta de motivação ou de vontade de aprender, não é um problema social, de comportamento ou psicológico. Logo, não tratamos como uma doença e sim um funcionamento particular do cérebro do indivíduo para processar a linguagem.

Acontece de descobrir a dislexia somente na fase adulta, porém ela está presente desde o nascimento, ocorre às vezes de o disléxico encontrar formas de lidar e compensar suas dificuldades. Fonseca (2011) acredita que se a dificuldade do disléxico não for detectada e equacionada adequadamente, desencadeia um processo conflituoso, que se reflete nos vários locais sociais (família, escola, outros).

O papel da família, quando existe suspeita de dislexia, é fundamental. A busca de profissionais adequados auxilia no lidar com o processo da descoberta, que muitas vezes é frustrante para a família ao perceber que o aprendizado do filho é mais lento do que o que eles esperavam, faz-se necessário trabalhar a compreensão e paciência, acompanhando de forma positiva todas as evoluções, respeitando e apoiando nas dificuldades. A melhor maneira para que se faça dessa realidade uma forma simples e alegre de viver, é procurar ajuda com uma equipe multidisciplinar, onde se descobrirá a maneira certa e menos dolorosa para trabalhar e buscar recompensar esta dificuldade.

Enfim, é real a necessidade de percorrer o caminho juntos, professores, escola, família e profissionais que assistem o portador de dislexia, para um desenvolvimento adequado e satisfatório, sem exclusão. Não se deve deixar que a escola por si só tome as iniciativas, é necessário um trabalho em conjunto, porém a proposta pedagógica deve contemplar atividades significativas, a criança deve se sentir acolhida e ter confiança, para avançar na sua caminhada.

IDENTIFICANDO A DISLEXIA

Para identificar a dislexia, alguns estudiosos afirmam que alguns sinais aparecem antes mesmo da alfabetização, porém para um diagnóstico mais seguro é necessário que a criança esteja na fase da alfabetização, ou seja, por volta dos sete/oito anos de idade.

Segundo Octávio Moura (2017), criador do Portal da Dislexia, estes são os sinais de alerta que devemos observar durante a infância e também quando a criança já estiver em idade escolar.

Veras (2012) também apresenta uma tabela demonstrando quais são os sintomas apresentados no decorrer da vida do indivíduo disléxico:

Quadro 1 – Sintomas da dislexia:

Na primeira infância:

1. Atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar;
2. Atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbucio à pronúncia de palavras;
3. Dificuldade aparente para a criança entender o que está ouvindo;
4. Distúrbios do sono;
5. Enurese noturna;
6. Suscetibilidade à alergias e à infecções;
7. Tendência hiper ou a hipo-atividade motora;
8. Choro recorrente e aparente inquietação ou agitação;
9. Dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares.

A partir dos sete anos de idade:

- Extrema lentidão ao fazer os deveres ou ocorrência de muitos erros nas tarefas pelo fato de terem sido feitas rapidamente;
- Pobre compreensão do texto ou falta de leitura do que escreve;
- Inadequação da fluência em leitura para a idade;
- Invenção, acréscimo ou omissão de palavras ao ler e ao escrever;
- Preferência por leitura silenciosa;
- Letra mal grafada e, até ininteligível; borrões ou ligação entre as palavras;
- Omissão, acréscimo, troca ou inversão da ordem e da direção de letras e sílabas;
- Esquecimento daquilo que aprenderam, em poucas horas, dias ou semanas;
- Maior facilidade, capacidade de bem transmitir o que sabe através de exames orais;
- Grande imaginação e criatividade;
- Capacidade de desligar-se facilmente de qualquer contexto;
- Falta de concentração da atenção e num só estímulo;
- Baixa autoimagem e autoestima; em geral, não gosta de ir à escola;
- Esquiva de ler, especialmente em voz alta;
- Dificuldade para lidar com as noções de espaço e tempo; sempre perde e esquece seus pertences;
- Mudanças bruscas de humor;
- Impulsividade e interrupção dos demais para falar;
- Timidez, sob pressão, pode falar o oposto do que desejaria;
- Confusão entre direita e esquerda, em cima e embaixo; na frente e atrás;
- Lateralidade cruzada; muitos são canhestos e outros ambidestros;
- Dificuldade para ler as horas, para sequências como dia, mês e estação do ano;
- Boa memória longa, mas pobre memória imediata, curta e de médio prazo;
- Pensamento por meio de imagem e sentimento, não como som de palavras;
- Extremamente desordenado, seus cadernos e livros são borrados e amassados;
- Tolerância muito alta ou muito baixa à dor;
- Muito sensível e emocional, buscas em perfeição que lhe é difícil atingir;
- Dificuldades para andar de bicicleta, para abotoar, para amarrar o cordão dos sapatos;
- Dificuldade extrema para manter o equilíbrio e fazer exercícios físicos;
- Intolerância a muito barulho, o disléxico se sente confuso- desliga-se e age como se estivesse distraído nesse contexto.

Fonte: VERAS, Fernanda Carvalho. A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual. 2012.

SINAIS DE ALERTA DA DISLEXIA DURANTE A INFÂNCIA

Atrasos no desenvolvimento da linguagem e problemas de linguagem durante o desenvolvimento.

De acordo com a fonoaudióloga Leandra Teixeira Falcão (2012) entre 9 meses a 1 ano o bebê já deve começar as primeiras palavras como: mamá, papá, não, dá, etc. Aos 18 meses deve ter um vocabulário de cerca de 20 a 100 palavras, deve começar a juntar palavras em frases simples, como “quénaná”, “que papá”. Aos 2 anos devem formar frases com 3 palavras, empregar verbos e substantivos, nomear figuras, usar os pronomes “eu” e “você”. A partir de 3 anos deve usar substantivos, verbos no indicativo, adjetivos e preposições, já deve reproduzir todos os fonemas embora possa omitir os grupos consonantais e arquifonemas, nessa etapa o vocabulário da criança deve ter em torno de 900 palavras. Aos 4 já deve empregar substantivos, adjetivos, advérbios e verbos no futuro. Já deve elaborar frases com 5 palavras e conseguir falar todos os fonemas. Qualquer alteração no desenvolvimento da criança que não se enquadre dentro destes padrões pode ser considerado sinal de alerta.

Dificuldades em memorizar e acompanhar canções infantis e em tarefas de consciência fonológica.

Devemos observar se a criança apresentou ou apresenta dificuldades para memorizar e acompanhar as canções infantis que outras já acompanham, dificuldades para memorizar e reproduzir lengalengas², dificuldades nas tarefas de rimas, segmentação silábica e etc.

SINAIS DE ALERTA DA DISLEXIA NA IDADE ESCOLAR:

Dificuldade de leitura e escrita

Demora na aprendizagem e na memorização das letras, e na automação das técnicas para escrita e para leitura, muita confusão na leitura das palavras com várias alterações. Também se percebe grande dificuldade na aquisição de uma língua estrangeira.

Dificuldade na consciência fonológica.

²De acordo com a CULTURA POPULAR: Lengalenga é uma cantiga transmitida de geração em geração na qual se repetem determinadas palavras ou expressões. Lê as seguintes lengalengas e diverte-te com elas. Ou ainda Lengalenga é um texto com frases curtas que normalmente rimam e com muitas repetições que permitem decorá-lo com muita facilidade. Geralmente, as lengalengas estão associadas a brincadeiras e jogos.

Dificuldade na consciência fonológica

Revela dificuldades na leitura automática e/ ou no processo de decifração de grafema-fonema. Dificuldade em compreender que as palavras podem segmentar-se em sílabas e fonemas.

Velocidade da leitura consideravelmente abaixo do desejável para a idade.

Muitas vezes a criança não consegue fazer a decodificação grafema-fonema, outras vezes a leitura é silabada e há muita lentidão da conversão deste mesmo processo.

Dificuldades na compreensão e interpretação de textos lidos.

Dificuldades para interpretar os textos lidos a não compreensão da própria leitura, essa dificuldade não ocorre quando a leitura é feita por um adulto.

Inúmeros erros ortográficos durante a escrita.

Durante a escrita ocorrem várias trocas fonológicas e/ou lexicais em todos os tipos de palavras, com alta frequência e sem regularidade.

Na escrita surgem falhas marcantes na construção de frases e na organização/ estruturação das ideias.

Longa demora na realização de trabalhos de casa.

Ocorre mesmo em tarefas simples, pois a criança não entende o que lhe é solicitado no enunciado.

Utiliza estratégias e desculpas para não ler.

Inventa desculpas, dores de cabeça e outros compromissos sempre que solicitado a leitura. Não revela nenhum prazer pela leitura, mesmo que o tema seja de seu interesse.

Distrai-se com facilidade.

Distrai-se com muita facilidade respondendo a qualquer estímulo, passa a impressão que está sempre “no mundo da lua”. A atenção se dá em curtos períodos de tempo.

Melhores resultados em avaliações orais em relação às escritas.

Os resultados das atividades e avaliações não condizem com sua capacidade intelectual, o aluno disléxico pode ser muito inteligente e diferentemente das avaliações escritas pode se sair muito bem em avaliações orais.

Não gosta de ir à escola ou realizar atividades correlacionadas.

Apresenta picos de aprendizagem.

Em alguns momentos parece assimilar bem o que lhe é ensinado, porém em outros quando lhe é questionado sobre o conteúdo já passado demonstra não saber ou já ter esquecido o aprendido.

Os sinais da Dislexia podem surgir em maior ou menor amplitude dependendo de vários fatores como a idade, estimulação, etc. E podem também se agravar durante o processo de crescimento da criança. Alguns desses sinais segundo este autor são: histórico familiar; falta de atenção e memória; imaturidade, timidez exagerada; alterações de humor; atraso ou falta de coordenação fina (desenhar, escrever, etc); dificuldade na alfabetização e na aprendizagem de matemática; dificuldade na passagem da escrita e da linguagem falada; incapacidade de aprender a lembrar de palavras visionadas; escrita em reflexo (como espelho); dificuldade em soletrar; falta de prazer na leitura; movimento errático dos olhos na leitura; confusão entre vogais ou substituição de consoante (MARSILLI, 2010, p. 15).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – (DSM-5, 2014, p. 66), a dislexia está inserida dentro de uma categoria mais ampla, denominada de “Transtornos do Neurodesenvolvimento”, sendo referida como “Transtorno Específico de Aprendizagem”. Segundo o manual, o diagnóstico de dislexia requer a identificação de, pelo menos, um dos sintomas:

Leitura de palavras feita de forma imprecisa ou lenta, demandando muito esforço; frequentemente tenta adivinhar as palavras e tem dificuldade para soletrá-las. - Dificuldade para compreender o sentido do que é lido, podendo realizar leitura com precisão, porém não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido. - Dificuldade na ortografia, sendo identificado, por exemplo, adição, omissão ou substituição de vogais e/ou consoantes. - Dificuldade com expressão escrita, podendo ser identificados múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprego ou organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza.

No entanto, o manual adverte que a simples presença de um ou mais sintomas não significa que a criança tenha dislexia, uma vez que estes podem ser decorrentes de fatores

variados como; deficiência intelectual e sensorial, síndromes neurológicas diversas, transtornos psiquiátricos, problemas emocionais e fatores de ordem socioambiental (pedagógico por exemplo).

Sendo assim:

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – (DSM-5, 2014, p.70. apud RODRIGUES; CIASCA 2016), sugere que, além dos sintomas mencionados, alguns critérios devem ser observados como: persistência de, pelo menos, seis meses da dificuldade. Habilidades acadêmicas substancial e qualitativamente abaixo do esperado para a idade cronológica confirmada por testes. Baixo desempenho em testes cronometrados; leitura ou escrita de textos complexos ou mais longos e com prazo curto; alta sobrecarga de exigências acadêmicas. As dificuldades não são explicadas por deficiências, transtornos neurológicos, adversidade psicossocial, instrução acadêmica inadequada ou falta de proficiência na língua de instrução acadêmica.

Ainda por Rodrigues; Ciasca (2016) em se tratando de dislexia, as alterações acadêmicas são os sintomas mais visíveis, portanto, os primeiros a serem identificados por pais e professores. Porém, há de se atentar também para outros aspectos que costumam afetar as crianças disléxicas, como: comprometimento da linguagem, sintomas de desatenção, dificuldade de coordenação motora, prejuízo das funções executivas e comorbidades psiquiátricas como: depressão e ansiedade. O problema de base da dislexia é a leitura e a escrita, mas também as habilidades cognitivas, acadêmicas e problemas de ordem psicossocial devem ser observados, uma vez que estes fatores podem interferir no desempenho global da criança.

A intervenção com a criança disléxica iniciada no ensino infantil obterá resultados mais satisfatório bem como menor discrepância de desempenho, quando comparado aos seus pares, nas séries posteriores. Os primeiros anos no ensino infantil representam uma “janela de oportunidades”, por isso é importante verificar os sinais sugestivos de alterações que prejudicam a aquisição da leitura e escrita, pois a várias possibilidades de intervenção sem prejuízos maiores para a educação.

TIPOS DE DISLEXIA

De acordo com a percepção da psicopedagogia, existem três tipos de dislexia que comprovam que a dislexia pode ser adquirida e não apenas hereditária como afirma alguns estudos: “é preciso entender que a dislexia, assim como outros vários distúrbios de aprendizagem, existe em diversos níveis, ou seja, não apresentam um único tipo”. (OLIVIER. 2007, p. 52).

Quadro 2 – Conceitos de dislexia

<p>Dislexia Disfonética</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Trocas de fonemas (sons) e grafemas (letrasdiferentes):moto–modo; 2. Alteração na ordem das letras e sílabas:azedo–adezo; 3. Omissão e acréscimos: escola – ecola, nem –neim. 4. Substituições de palavras por sinônimos ou trocas de palavras por outras visualmente semelhantes:infâmia–infância.
<p>Dislexia Diseidética</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras:comigo –com-migo 2. Aglutinações e fragmentações de palavras:fazerisso–fazerisso,enquanto–emquanto; 3. Troca por equivalentes fonéticos:vaca–faca,pato–bato. 4. Maior dificuldade para leitura do que para escrita.

Fonte:PONÇANO,Neuza Aparecida.A dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor, 2007.p. 46e47.

Dislexia visual, também conhecida como ortográfica ou diseidética; a dislexia auditiva ou fonológica/disfonética e, por último, a dislexia mista.

- Dislexia visual refere-se a falta de ordem executada pela criança. Ela não segue uma sequência, quer seja ao contar uma história ou situar os dias da semana e apresenta também dificuldade na escrita;
- Dislexia auditiva, está ligada a dificuldade que as crianças têm em reconhecer os sons da língua. A dificuldade que possuem em reconhecer e diferenciar grafemas e fonemas não permite que elas escrevam a palavra corretamente, assim como separar as sílabas ou soletrar algo. É muito comum que as crianças que apresentam esse tipo de dislexia confundam o som do m com n e as letras b, d, t, p e g;
- Dislexia mista, que seria um conjunto dos dois tipos já citados anteriormente.

ABORDAGEM: ESCOLA E PROFESSORES

Cândido (2013, p. 17) cita que:

[...] uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla. O disléxico, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é disléxica porque teve seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. A dislexia tem um componente genético, exceto em caso de acidente cérebro vascular (AVC).

Portanto não é uma “doente grave”, o educador deve entender, conhecer, diagnosticar uma necessidade diferente e promover ações que estimulem o desenvolvimento da linguagem escrita e oral do educando.

*“[...] a aprendizagem é um processo mental ativo, tendo em vista, aquisições, por meio das quais a lembrança do conteúdo internalizado e o uso deste conhecimento fazem com que o sujeito possa dominá-lo e manipulá-lo, quando necessário”
Brandão (2015, p.12).*

Disléticos geralmente indicam quadros de dificuldades na aprendizagem em compensação manifestam outras habilidades.

Vygotsky (1992) apud Brandão diz:

“[...] a impossibilidade de pensar na construção da escrita como um processo linear e constante. Durante a aquisição da linguagem oral, a criança também apresenta instabilidade; errando, tentando, manipulando e acertando. O processo de apropriação de novos conhecimentos requer reflexões e comparações em um percurso de idas e vindas, o qual, longe de estabilidades, nos leva as perguntas, indagações e perplexidades. (2015, p. 16).

Ainda em Vygotsky (1992), o desenvolvimento humano ocorre pela apropriação da atividade mental presente nos mediadores culturais, não é compreendido como resultado de causas isoladas que refletem, nem de condições do ambiente que operam sobre sua constituição dominando sua conduta, mas sim um produto de trocas mútuas, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro. Na sala de aula as crianças interagem entre si e com o professor que atua de forma explícita, interferindo no desenvolvimento do aluno, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. Escola e professor são indispensáveis no processo ensino/aprendizagem.

Em relação à adoção de métodos, Moura (2013, p. 14) cita que:

“[...] a partir do diagnóstico a Associação Brasileira de Dislexia aconselha a terapia multissensorial, cumulativa e sistemática que trabalha todos os sentidos ao mesmo tempo, o dislético assimila facilmente tudo que é vivenciado concretamente, podendo ser treinado para ler e ouvir, enquanto escreve. Os profissionais que normalmente fazem o acompanhamento são; psicopedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos especializados no assunto. ”.

Portanto, o sucesso na aprendizagem do dislético se baseia no aprender pelo uso de todos os sentidos, uma combinação da visão, audição e tato. É de grande valia quando a própria criança repete o conteúdo em voz alta, ela aprende mais quando ouve a própria voz, e esse processo de repetição auxilia que a criança assimile e memorize o que está estudando. Durante as correções de exercícios no caderno, e até em atividades avaliativas e provas é bom que o professor se abstenha de rasuras com cor vermelha pois constrange o aluno e o faz se sentir incapaz. Substituir as atividades e deveres passados no quadro por ditados também ajuda no

processo, pois a criança disléxica tem dificuldade de situar as letras no quadro, por vezes reclamam que as letras estão “dançando” ou “voando”. O dislético deve ser avaliado oralmente e não em avaliações escritas como recomenda a Avaliação Escolar para alunos disléxicos de 2008.

O professor jamais deve rotular um aluno dislético como lento ou preguiçoso e nunca compara-lo aos outros alunos da classe. Esse aluno não deve ser forçado a ler em voz alta perante a classe a menos que ele demonstre desejo em fazê-lo. As suas habilidades devem ser julgadas mais em suas respostas orais do que nas escritas. (SOLITTO, Rosemary Helena Chagas. Avaliação Escolar para os alunos disléxicos, 2008).

Quando o professor consegue acolher e respeitar os alunos em suas diferenças, proporciona um grande benefício, além de oferecer uma rica experiência de convivência com a diversidade para toda a classe.

[...]a primeira tarefa do professor ao lidar com distúrbios de aprendizagem é o de resgatar a autoconfiança do aluno e o segredo está em descobrir as habilidades individuais, tendo assim a oportunidade de destacar em outras áreas (artes, esportes, etc.) Solitto (2008).

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOLTADAS PARA DISLEXIA

Com o intuito de compreender quais são as práticas que podem ser voltadas para um melhor desenvolvimento intelectual do aluno dislético será necessário destacar quais são as competências prioritárias na formação do professor do ensino fundamental. Dessa forma, fica claro como o papel do professor pode interferir na vida do aluno dislético e até onde o professor pode ser considerado responsável pelo desenvolvimento desses indivíduos.

QUADRO 3 – Domínios de competência

Competências de referência	Competências mais específicas a serem trabalhadas na formação contínua (exemplos)
1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem.	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer, para determinada disciplina, os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem. ● Trabalhar a partir das representações dos alunos. ● Trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem. ● Construir e planejar dispositivos e sequências didáticas. ● Envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento.

<p>2. Administrar a progressão das aprendizagens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Conceber e administrar situações-problemas ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos. ● Adquirir uma visão longitudinal dos objetivos do ensino. ● Estabelecer laços com as teorias subjacentes às atividades de aprendizagem. ● Observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem, de acordo com uma abordagem formativa. ● Fazer balanços periódicos de competências e tomar decisões de progressão
<p>3. Conceber e fazer evoluir o dispositivo de diferenciação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma. ● Abrir, ampliar a gestão de classe para um espaço mais vasto. ● Fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos com dificuldade acentuada de aprendizagem. ● Desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de ensino mútuos.
<p>4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Suscitar o desejo de aprender, explicitar a relação com o saber, o sentido do trabalho escolar e desenvolver na criança a capacidade de auto-avaliação. ● Instituir e fazer funcionar um conselho de alunos (conselho de classe ou de escola) e negociar com eles diversos tipos de regras e de contratos. ● Oferecer atividades opcionais de formação, <i>à la carte</i>. ● Favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno.
<p>5. Trabalhar em equipe.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Elaborar um projeto de equipe, representações comuns. ● Dirigir um grupo de trabalho, conduzir reuniões. ● Formar e renovar uma equipe pedagógica. ● Enfrentar e analisar em conjunto situações complexas, práticas e problemas profissionais. ● Administrar crises ou conflitos interpessoais.
<p>6. Participar da administração da escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Elaborar, negociar um projeto da instituição. ● Administrar os recursos da escola. ● Coordenar, dirigir uma escola com todos os seus parceiros (serviços para escolares, bairro, associações de pais, professores de língua e cultura de origem). ● Organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos.
<p>7. Informar e envolver os pais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Dirigir reuniões de informação e de debate. ● Fazer entrevistas. ● Envolver os pais na construção dos saberes.

<p>8. Utilizar novas tecnologias.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Utilizar editores de textos. ● Explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino. ● Comunicar-se à distância por meio de telemática. ● Utilizar as ferramentas multimídia no ensino.
<p>9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Prevenir a violência na escola e fora dela. ● Lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais. ● Participar da criação de regras de vida comum referente à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta. ● Analisar a relação pedagógica, a autoridade, a comunicação em aula. ● Desenvolver o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.
<p>10. Administrar sua própria formação contínua.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Saber explicitar as próprias práticas. ● Estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua. ● Negociar um projeto de formação comum com os colegas (equipe, escola, rede). ● Envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo. ● Acolher a formação dos colegas e participar dela.

Fonte: Arquivo Formação Contínua. Programa dos cursos 1996-1997, Genebra, Ensino Fundamental, Serviço de Aperfeiçoamento, 1996 apud PONÇANO (2007, p.18).

Os domínios de competências nos mostram ações importantes que o professor precisa incorporar em sua formação. Percebemos, nesse contexto, que o profissional é o gestor de sua própria formação. É ele que deve buscar novas propostas de trabalho, de aperfeiçoamento e liderança. Importa, em seu trabalho, diversificar os caminhos de sua formação, desenvolver ciclos de aprendizagem, promover avaliações formativas, possibilitar atividade em equipe, bem como se responsabilizar pelos alunos, e, essencialmente, educar para a cidadania (PERRENOUD, 2000, p.14).

Portanto o que se pode perceber é que, entre as dez competências a cima, aquelas que estão diretamente relacionadas ao aluno, como o exemplo da primeira “Organizar e dirigir situações de aprendizagem” sugerem que o professor crie um ambiente em que o aprendizado esteja diretamente voltado as particularidades da criança, ou seja, o professor deve trabalhar as dificuldades apresentadas pelo aluno, assim como reconhecer e superar os obstáculos surgidos.

Contudo, para o tratamento da criança disléxica outros profissionais devem ser envolvidos, considerando cada caso. É preciso deixar claro que a responsabilidade não é

inteiramente do professor. O professor não possui obrigação ou condição de resolver tudo sozinho, mas entende-se que por estar diretamente ligado ao ensino, o professor possa identificar as dificuldades apresentadas pelo aluno e em caso de suspeita de transtornos de aprendizagem ele possa informar aos pais e a escola, para que ambos tomem as medidas cabíveis.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica (que são revestidas de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema), onde seu embasamento será por meio das ideias de outros autores, captando seus aspectos teóricos das suas pesquisas, através de uma revisão de textos, artigos e livros mais atuais, para que o mesmo seja elaborado de forma mais consistente e coesa.

Tendo como enfoque principal a dislexia e dificuldades de aprendizagem, buscando compreender um pouco mais sobre o tema proposto, possibilitando contribuir com acadêmicos e profissionais que atuam na área da educação que lidam direta ou indiretamente com o problema abordado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nestes estudos, percebe-se duas instâncias de interpretação sobre a dislexia, uma oficializada pelas ciências médicas que vê uma patologia e a ciências humanas que interpreta como uma dificuldade de aprendizado, ficamos, portanto, com a segunda; concluindo que a dislexia deve ser vista como um distúrbio relacionado com as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, produzidas por fatores neurológicos, genéticos ou adquiridos. Não é caracterizada como patologia, os disléxicos apresentam um grau de inteligência normal, no entanto é importante atentar para o grau das dificuldades apresentada.

É fator de estudos científicos que quanto mais cedo for diagnosticada a Dislexia, maiores serão os resultados eficazes dos tratamentos e das estratégias de ações voltadas para este indivíduo. Mesmo com dificuldades de aprendizagem de escrita e de leitura, os disléxicos apresentam um grau de inteligência normal ou até mesmo acima da média.

A Associação Brasileira de dislexia diz que o aluno disléxico necessita de uma aprendizagem multissensorial, acumulativo, metódico e contínuo, visto que desta maneira a

criança disléxica relacionará as letras com seus determinados sons e fonemas no traçado que faz para escrevê-la.

O lúdico, a brincadeira, os jogos educativos podem ser um instrumento de valia para propiciar ao disléxico uma abordagem mais agradável na busca de superações, na melhora do rendimento escolar, o desenvolvimento da abstração, da criatividade e imaginação, destacando o fator de desenvolvimento da autoestima e do bom equilíbrio emocional e de sociabilidade.

Portanto, cabe ao educador e equipe pedagógica apresentar intervenções criativas, com situações desafiadoras que provoquem o interesse pela aprendizagem, oportunizando o desenvolvimento da autonomia e independência do aluno, estimulando-o na resolução de problemas e fortalecendo-o para lidar com possíveis frustrações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ângela; FERREIRA, E; FERREIRA, J. **Dislexia e Educação: Deveres e dilemas**. 36 f. Faculdade de Educação São Luís, Maranhão. Disponível em: http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/Dislexia_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/dislexia.htm>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.andislexia.org.br/>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

ASSOCIATION, AMERICAN PSYCHIATRIC. **MANUAL DIAGNOSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS DSM-5.5 a EDIÇÃO** pg. 108-115. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.

Blasi, H. F. (2006). **Contribuições da psicolinguística ao estudo da dislexia**. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BRANDÃO, Letícia Peixoto Moraes. **Dislexia: Características e Intervenções**. Especialização em Educação Especial e Inclusiva. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2015. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/R201671.pdf. Acessado em: 10 de novembro de 2021.

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

ELLIS, Andrew W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. 2. ed. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FALCÃO, Leandra Teixeira. **Tabela das fases do desenvolvimento infantil**. Disponível em: <http://leandrafono.blogspot.com.br/2012/02/tabela-das-fases-do-desenvolvimento.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

FIGUEIRA, Guilherme Luiz Mascarenhas. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

FREITAS, M.T.de A.2000. **As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate em Psicologia da Educação**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.10/11: 9-28.

FONSECA, Vitor dá. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **O desenvolvimento da competência linguística na Dislexia**. Especialização em Psicopedagogia Institucional. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

MARSILI, Mira Allil. **Dislexia no contexto da aprendizagem**. Especialização em Controladoria e Finanças. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

MOURA, O. (2017). Portal Dislexia. Disponível em: <https://dislexia.pt>. Acesso em 21/09/2021.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos**. Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

Organização Mundial da Saúde. **CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997. vol.2. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM-IV. São Paulo: Manole, 1994.

OLIVIER, L. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

RODRIGUES, Sônia Das Dores; CIASCA, Sylvia Maria. **DISLEXIA NA ESCOLA: IDENTIFICAÇÃO E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO**. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 100, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/21/dislexia-na-escola--identificacao-e-possibilidades-de-intervencao>>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

SILVA, Nilza Sebastiana da; SILVA, Fábio José Antônio dá. **A dislexia e a dificuldade na aprendizagem**. **Revista Científica Multidisciplinar**, Ano 1, vol. 5, pg.75-87 julho 2016, ISSN: 2448-0959.

SOLITTO, Rosemary Helena Chagas. **Avaliação Escolar para os Alunos Disléxicos**. 2008. Trabalho Científico de Conclusão de Curso. Centro de Referência de Distúrbio de Aprendizagem. São Paulo.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VERAS, Fernanda de Carvalho. **A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual**. 49f. Universidade de Brasília, 2012.

Aprovado em abril de 2023

Publicado em julho de 2023